

## CORPO E SABER SENSÍVEL: PISTAS PARA A EDUCAÇÃO

A. C. SURDI\*, E. J. S. M. FREIRE e J. P. MELLO  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
aguinaldosurdi@yahoo.com.br\*

Artigo submetido em novembro/2015 e aceito em março/2016

DOI: 10.15628/holos.2016.3739

## RESUMO

Nossa existência no mundo é corporal. Corpo aqui entendido como sensibilidade, como possibilidade de conhecer e aprender, como forma de linguagem que proporciona um diálogo como o mundo. Neste texto, queremos desenvolver uma reflexão teórica sobre as possíveis relações entre o corpo, a educação e o saber sensível, enfocando a importância do corpo para a educação, fortalecendo o significado do saber sensível para a educação atual. A questão não é negar a educação racionalizada e fragmentada que vem sendo desenvolvida nas escolas, que tem como objetivo a didatização, memorização e a preparação para o mercado de trabalho. Mas, sim, mostrar que uma educação pautada no saber sensível, possibilitada pela vivência corporal diante do mundo pode auxiliar numa

educação mais integral e significativa, que leva em consideração inúmeros aspectos no processo de ensino e aprendizagem, como as experiências anteriores dos alunos, o contexto em que a escola está inserida, a família e as diferentes possibilidades que cada aluno percebe e sente na sua relação com o mundo. Nesse sentido, o saber sensível torna-se fundamental para a construção da autonomia e da criação de diferentes formas de pensar sobre as coisas do mundo. Como conclusão do texto, enfatizamos a importância da educação dos sentidos, assegurando que aprendizagem significativa tem sua raiz na corporeidade e na diversidade. Assim, podem ser construídos espaços de sensibilização e ressignificação de mundo e eixos coexistenciais para o aluno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo, Educação, Saber Sensível, Sensibilidade.

## BODY AND SENSITIVE KNOW HOW: CLUES TO EDUCATION

## ABSTRACT

The world's human existence is corporal. At this point, corporal should mean sensitivity, the possibility to know and learn, a language form that provides the dialogue with the world. This article aims to reflect on the possible relationships between the body, education and the sensitive know how, focusing on the body's import for education. The point is not to deny the rationalized and the fragmented education, supporting the value of the sensitive know how to the current education. The point is not to deny the rationalized and fragmented education developed in the schools nowadays, which objects didacticism, memorization and preparation for the job market. Rather, to show that a sensitive know how based education, enabled by the corporal experience at the

world, may help to develop a most unabridged and meaningful education, which will consider many aspects in the teaching and learning process, such as the students previous experiences, the school context, the family, and the many possibilities each student perceive and feel relative to the world around. Thereby, the sensitive know how turns primordial to the development of autonomy and creation of different thinking ways about the world. Concluding this text, we lay emphasis on the significance of the education of the senses, ensuring that the meaningful learning has its roots on the corporeity and diversity. Therefore, may be constroyed world's awareness and ressignification places and coexistencial axes for the student.

**KEYWORDS:** Education, Sensitive know how, Sensitivity.

## 1 INTRODUÇÃO

A perda da sensibilidade no gênero humano começou provavelmente no início da civilização ocidental, com o advento de uma nova forma de pensar, ou seja, a instauração de um comportamento mais intelectualizado e racional diante da realidade mitológica. A superação dos mitos pelo novo “pensar racional” proporcionou, desde cedo, uma “forma” de entender a nossa realidade. Essa nova possibilidade foi, gradativamente, afirmando-se e se tornando a única forma confiável e aceita para se chegar a uma verdade sobre as coisas do mundo. Sendo assim, dentro desse mesmo contexto, começa o desencantamento do mundo (WEBER, 2010). O mundo racional e mensurável deve traçar um caminho para chegar a tal empreendimento e, nesse caminho, tem de se livrar de muitas coisas que “atrapalham” a busca pela verdade. Dentre as leituras e a relação de mundo que aos poucos foram eliminadas, uma delas é a que faz uso da sensibilidade.

Como seres racionais que somos, temos de nos privar da nossa privilegiada possibilidade de sentir, porque ela pode nos conduzir a um caminho obscuro diante da clareza das verdades ditas absolutas, propostas pelo pensamento racional (DESCARTES, 2001). Verdades essas que tornaram o mundo uma máquina, na qual as pessoas são apenas minúsculas engrenagens que diferem umas das outras apenas por meio de um número. Temos aqui regras claras para serem cumpridas e, assim, atingir resultados que atendam a objetivos mensuráveis. Tornamo-nos autômatos, seres sem vida, sem humildade, sem compaixão, sem alegria, sem felicidade. Temos vergonha de chorar, de dizer que amamos, de realmente ser aquilo que nascemos para ser, ou seja, seres humanos e sensíveis.

O pensamento ocidental nega os sentidos como fonte de apreensão do mundo. Cria, então, o conceito de verdade, fundado na razão como paradigma do conhecimento. O conhecer tornou-se, dessa maneira, o direcionamento para o que é verdadeiro, que busca julgar a vida, e não interpretá-la. Para julgar a vida, são necessários artifícios e procedimentos de causa e efeito, que devem levar a resultados e determinações previsíveis. Interpretar a vida leva em consideração o ser humano e as suas diferenças: ser que possui uma história e que é imprevisível. Assim, ele é capaz de produzir novas interpretações e se ajustar de diferentes maneiras a inúmeras situações. Santin (1992) contesta essa visão moderna, perguntando: Como se pode pesquisar a vida ou a fenomenologia do vivo? Como decifrar a sua mensagem? Salienta que o modelo moderno de produção do conhecimento praticado pelos métodos científicos do enfrentamento entre sujeito e objeto e a leitura matemática não pode, de forma alguma, decifrar a totalidade da linguagem da corporeidade. Para o autor, esse conhecimento deve ser feito de forma direta, sem mediações das leis e regras da racionalidade científica, mas baseado no mundo vivido de cada pessoa.

Este texto tem como objetivo refletir sobre a relação entre corpo, educação e o saber sensível, enfatizando a importância que essa relação tem para contribuir com uma educação mais integral e significativa, que leva em consideração a sensibilidade humana.

## 2 CORPO, EDUCAÇÃO E O SABER SENSÍVEL

Queremos, neste momento, argumentar a favor do corpo como possibilidade vivencial e perceptiva, primordial para a educação e para o saber sensível. O corpo é a condição essencial para oportunizar a linguagem sensível do mundo. É por meio dele que nossa presença se faz no mundo

e, assim, podemos compreendê-lo e dar um significado para ele. Nossa existência se realiza no corpo (MERLEAU-PONTY, 1999).

A vida moderna, repleta de afazeres e preocupações, tenta silenciar a linguagem corporal, minimizando, assim, nossa percepção original do mundo. Por mais que a modernidade esteja próxima de alcançar esse objetivo, sempre há um novo caminho. Caminho direcionado para o investimento em uma educação para a sensibilidade. Para isso o corpo tem que entrar em campo, pois, conforme Santin (1994, p.91), “a corporeidade é o modo de ser do homem” como um ser total e único, que se caracteriza pela ludicidade. Mas onde encontramos o corpo lúdico? Segundo o autor, nas crianças, que fazem as coisas não produtivas. Não pensam no resultado, simplesmente fazem, sentindo prazer e alegria, desde que tenham acesso à liberdade que lhes possibilite sonhar, inventar, imaginar e criar novos mundos.

O corpo consegue perceber e, assim, sentir o mundo de forma mais ampla e anterior aos nossos tradicionais processos mentais que tendem a reduzi-lo a conceitos e esquemas, simplificando o que sempre será ilimitado para a nossa corporeidade. Podemos fazer uma distinção entre o inteligível e o sensível ou, ainda, conforme Duarte Junior (2001), o conhecer e o sentir. O conhecer se traduz naquele conhecimento tratado de forma abstrata pelo nosso cérebro. Nesse exercício, são produzidos os signos lógicos, como as palavras e os números. Já o sensível corresponde ao saber presente no corpo humano e se manifesta em situações motoras variadas, conforme exemplifica Duarte Junior (2001):

[...] o equilíbrio como forma que nos permite andar de bicicleta, o movimento harmônico das mãos ao fazerem soar diferentes ritmos num instrumento de percussão, o passe preciso de um jogador de futebol que coloca, com os pés, a bola no peito de um companheiro a trinta metros de distância, ou ainda a recusa do estômago a aceitar um alimento deteriorado com base no nosso olfato. O conhecer então é coisa apenas mental, intelectual, ao passo que o saber reside também na carne, no organismo em sua totalidade, numa união de corpo e mente (p.125).

O corpo sempre sabe o que fazer, basta, conforme Santin (1987), decifrar a linguagem corporal. Como meio comunicativo, percorre inúmeras possibilidades interpretativas que viabilizam a constituição de novas intersubjetividades e experiências no espaço vivido. Assim, extrapola a sua fisiologia e o seu próprio eu. Para isso nossa sensibilidade deve estar acurada. Nossa intuição corporal nos projeta para resolvermos problemas ou questões antes de pensarmos nele.

No entanto, como somos racionais demais, as soluções inteligíveis – comprovadas cientificamente – têm mais significados. Buscamos conceitos e definições racionais, o que geralmente não propõe as melhores saídas. Assim, nossa sensibilidade para sentir a linguagem corporal vai se deteriorando até desaparecer por completo. Esse saber corporal nos coloca diante da realidade, fornece-nos um caminho de ampla sabedoria que não necessita do desenvolvimento mental, de uma estratégia calculada e projetada para resolver ou fazer algo. Nosso agir diário se baseia basicamente em nosso saber corporal, e não no conhecer elaborado e intelectualizado; por exemplo, a forma de distinguir odores, sabores, sons e texturas (DUARTE JUNIOR, 2001).

Para ilustrar, citamos a fábula da centopeia, a quem se perguntou como fazia para se organizar e não confundir o movimento daquelas pernas todas. Como nunca havia pensado nisso,

a partir dali ela começou a cair, na tentativa de organizar mentalmente o saber corporal, saber esse que faz com que suas patas sejam sempre harmonicamente movidas. Esse saber corporal se distingue das esquematizações mentais por se direcionarem à completude, e para isso não há um método específico. Leva em consideração todos os fatores que estão presentes naquela vivência e define uma harmonia que só pode se expressar e se manifestar corporalmente. No entanto, acredito que tanto o conhecer/inteligível quanto o saber/sensível são formas diferentes, porém importantes para a vida do ser humano. O problema está na forma demasiadamente acentuada como se separaram essas possibilidades de conhecer e sentir o mundo e o valor dado aos conhecimentos racionais e abstratos. Ambos possuem seu significado de ser, a questão é que um disputa o domínio do mundo através da construção de critérios e métodos para se chegar à verdade absoluta, excluindo as outras formas de conhecer e saber, enquanto o outro deseja apenas seu espaço para manter o lado humano do homem com prazer e alegria. Essas diferentes e importantes possibilidades que presenciamos atualmente ficam bem claras em uma passagem de Alves (1998), quando comenta:

o que nos separa dos animais é que os pensamentos que moram na nossa cabeça desandaram a proliferar, multiplicaram-se, cresceram. O que teve vantagens indiscutíveis, porque foi graças aos pensamentos que moram na cabeça que o mundo humano se construiu. A filosofia, a ciência, a tecnologia... Cresceram tanto que chegaram a entupir a sabedoria do corpo. O conhecimento vai crescendo, sedimentando, camada sobre camada, e chega um momento em que nos esquecemos da sabedoria sem palavras que mora no corpo (p. 57).

Portanto essa sabedoria esquecida, dotada de sensibilidade e expressa corporalmente, precisa de um lugar mais importante em nossa vida. Esse saber nos possibilita lidar com um mundo que sempre está por se fazer, onde podemos deixar nossas marcas. Nossa ação corporal fornece o significado e o sentido do mundo, pois somente o corpo é capaz de sentir e perceber todas as vibrações, relações e sentimentos que se realizam entre nós e o mundo. Esse primeiro contato é sensível e fundamental para que o mundo tenha mais significado para nós, conforme nossas convicções. Assim, o conhecimento cotidiano ou, ainda, do senso comum, é fundamental como fonte primordial de qualquer conhecimento e deve ser valorizado. Damásio (1996), em suas pesquisas, descobriu que a separação entre corpo e mente não tem sentido. Todo conhecimento, nem que seja o mais abstrato, tem sua origem nos processos sensíveis do corpo. Merleau-Ponty (1999) também defende a ideia de que todo conhecimento científico se assenta sobre o conhecimento sensível, pelo fato de que nosso corpo e o mundo estão ligados como uma substância indivisível.

A sensibilidade presente em nosso corpo possibilita que ele seja a fonte primeira de significação, ou seja, construímos um mundo dando sentido a ele. Assim, “produzir sentido, interpretar a significância, não é uma atividade puramente cognitiva, ou mesmo intelectual ou cerebral, é o corpo, esse laço de nossas sensibilidades, que significa, que interpreta.” (PARRET apud DUARTE JUNIOR 2001, p.128). O saber sensível nos coloca diante do mundo como um ser corporal que interpreta e significa o mundo para dar sentido às nossas experiências e, consequentemente, à nossa existência. Nesse sentido, Santin (1994) enfatiza que é na corporeidade que se caracteriza o humano do homem, na sua relação com os outros e com o mundo. “A afirmação de que a corporeidade caracteriza o especificamente humano da existência do homem não significa que se

reduza ao corpo individual. Ao contrário, a ideia de corporeidade implica uma vinculação, não só com os outros corpos, mas também com o mundo.” (p. 97).

O saber sensível consiste em sentir a vida plenamente, para depois pensarmos nela e sobre ela. Esse caminho poderia ser inserido numa educação para a sensibilidade, incentivando a educação do olhar, do ouvir, do degustar, do cheirar e do tatear. Por meio do contato direto com as maravilhas que constituem o mundo, cria-se a possibilidade para que todas as pessoas produzam suas “verdades”, que são diferentes das verdades científicas, baseadas em comprovações estatísticas e generalizações. Verdades que possuem “caráter individual e próprio, particular e inerente à existência de um sujeito humano, pequeno, falho e limitado, porém grandioso em sua consciência do cosmo. Um sujeito sem o qual nenhuma verdade científica existiria.” (DUARTE JUNIOR, 2001 p.132). Portanto esse saber está no nosso dia a dia e se manifesta corporalmente. Nosso corpo tem condições de captar a complexidade do mundo com a devida qualidade de detalhes, como os sons, os cheiros, as imagens, os desníveis, as outras pessoas e tudo o mais que compõe o mundo e nos oferece o prazer de viver.

A educação do saber sensível torna-se imprescindível nos dias atuais e deve tentar evitar o aumento da visão unilateral e uniforme do mundo que o homem contemporâneo passa a ter, devido ao impacto científico-tecnológico. Uma visão mais integral do mundo deve ser restituída, e o saber sensível torna-se fundamental nesse processo. Uma educação pautada no saber sensível oferece ao homem um poder que vai se constituindo e possibilita que ele dê importância demasiada a alguns campos mais restritos do conhecimento, consequentemente, esquecidos, fazendo com que ocorra a integração do homem consigo mesmo, com os outros e com a sociedade.

Dentre as possibilidades de educação do sensível, a arte pode contribuir de modo especial, desenvolvendo e promovendo as percepções e os sentimentos da realidade vivida. Fazendo uma relação para o âmbito escolar, Duarte Junior comenta que essas percepções e os sentimentos vividos devem ser pautados nas vivências, experiências e reflexões pessoais dos educandos.

Outra questão fundamental nesse processo educacional é a formação dos professores. Não queremos, aqui, entrar em detalhes sobre essa questão, mas salientar que o professor também deve ter e saber lidar com esse saber sensível. Deve dar importância às particularidades e detalhes do mundo que o rodeia, ampliando sua área de atuação, atingindo os domínios sensíveis e corporais que compõem sua existência. Deve construir saberes e práticas articuladas com situações reais do cotidiano, ensinando e aprendendo com as diversas culturas e saberes que cada um dos alunos traz consigo para a sala de aula. Nesse sentido, as relações do docente com seus saberes estarão em constante transformação.

Sabemos, portanto, que nossa sociedade industrial define o tipo de educação que devemos ter. Assim, o mercado econômico exige a formação de pessoas aptas para o trabalho. Essa educação mercadológica, marcada pelos conhecimentos técnicos, instrumentais e úteis, sufoca as iniciativas de escolas e de professores que querem possibilitar uma educação do sensível. Algumas características que viabilizam uma educação para a sensibilidade já se fazem presentes nas Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio (1999). Vemos nas diretrizes os seguintes parágrafos que fortalecem o saber sensível, tais como: “Do exercício da criatividade e do respeito à ordem democrática; os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais”; “[...] introduzir projetos e atividades do interesse de suas comunidades [...]” ; “[...] a estética da sensibilidade deverá

substituir a repetição e a padronização, estimulando a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado, a afetividade [...]”. Ainda assim, isso não é suficiente para atingir o coração de professores e diretores que, talvez por não terem uma formação mais sensível, deixaram seu coração endurecer e só conseguem perceber o conhecimento como algo metódico e regrado, dotado de utilidade industrial.

Conforme já comentamos, a crise se intensifica pelo distanciamento cada vez maior entre o saber sensível e o inteligível. No sistema educacional, essa separação fica bastante evidente pela proliferação de cursos técnicos e cursos básicos de preparação para o mercado de trabalho. Eles são basicamente instrumentais e têm como objetivo um conhecimento simplificado, para ser rapidamente utilizado em empresas, como a prestação de serviços, cargos de ajudante de setores de automação, mecânica e outras funções que se enquadram perfeitamente no processo moderno de industrialização. Portanto a educação deve ser instrumental, oferecer os instrumentos intelectuais, para que as pessoas trabalhem e, conseqüentemente, produzam. Devem saber ler, escrever e, principalmente, ser hábeis na matemática. A educação praticada em muitas escolas atualmente se condiciona a isso. Muitas delas já começam esse processo na Educação Infantil. Essa prioridade no conhecimento inteligível e racional distancia as pessoas da amplitude, da profundidade e da complexidade do mundo. A razão humana deve se alargar, deve abranger mais e melhor. Não deve ficar apenas na instrumentalidade, mas abrir-se às outras formas do saber. Essa razão que caracteriza o ser humano “precisa significar mais, bem mais; precisa abranger todo o saber proporcionado pela estesia humana, pela apreensão sensível do mundo, a qual, relembrando Merleau-Ponty, revela-se também como construção do sentido.” (DUARTE JUNIOR, 2001, p.173). A educação do sensível, por estar relacionada à experiência e ao sentido, atua na dimensão estética. Conforme Nunes & Rego (2011, p.103-104):

A dimensão estética institui um fecundo espaço de sensibilização no processo de ressignificação e na constituição de novas subjetividades, uma interpretação instauradora estabelece novos domínios discursivos e produzem sentidos de acordo com uma estética da existência. A aprendizagem, vista sob essa perspectiva, possibilita a geração de ambiências que levam à produção de conhecimento por meio da ação e reflexão sobre os processos que o compõem, expõe um saber corpóreo a partir do resgate da condição humana e da construção intersubjetiva do significado, dissipa qualquer dicotomia que possa existir entre a razão e a emoção. O compartilhamento de significados e a criação de sentidos geram intersubjetividades produtoras de novos e importantes espaços de ação.

Na educação do sensível, o corpo é fundamental como campo existencial que consegue contemplar e absorver o ilimitado. Abrange o inteligível e o sensível, indo além. Possibilita novas significações e ressignificações que transcendem a relação de espaço e tempo, por permitir a reinterpretação de questões já analisadas sob outras abordagens. A corporeidade, assim, abre um espaço de sensibilização do mundo, vincula tempo-espaço individual e tempo-espaço coletivamente instituído em um movimento no qual o sujeito interpreta a si, o outro e o mundo.

Santin (1994) enfatiza como dinâmica da corporeidade o prazer. “Prazer que possui um dinamismo que pode ser identificado como o princípio do desejo.” (p.99). O prazer se manifesta como consequência para que a corporeidade aconteça harmonicamente. “O desejo ativa a busca das situações de prazer e inaugura a própria vida da corporeidade.” (p.99). Esse processo se manifesta como um ser único e indivisível. Prazer, desejo e corporeidade fazem parte de um todo

que o autor chama de “corporeidade desejante.” (p. 100). Essa corporeidade se torna fundamental no processo de educação da sensibilidade, pelo poder da doação. Doamo-nos corporalmente ao mundo pelo prazer que essa relação possibilita. Somos, a todo momento, encorajados a viver e assim perceber e sentir de diferentes maneiras as antigas formas de ver o mundo.

Dessa forma, a educação deve se preparar para a instabilidade do mundo, aprender sobre si e a partir de si para tentar entender o mundo. “Pensar pela paixão, seduzir-se pela descoberta e se redescobrir perante ela. Interrogar, questionar, duvidar e partir, mesmo sem saber o que irá encontrar.” (NUNES & REGO, 2011, p.98). As interpretações dos acontecimentos devem ser baseadas na diversidade de experiências que não são adquiridas, mas vivenciadas corporalmente. As experiências significativas nos fazem perder o controle e nos envolver por completo com as coisas do mundo. Essa força é fundamental para um aprendizado sólido e mais profundo das possibilidades que a vida nos oferece para viver com mais plenitude e mais felicidade.

Tais experiências vivenciadas corporalmente podem ser exemplificadas da seguinte maneira: ao projetarmos uma viagem, por exemplo, começamos gradativamente a pensar no assunto e, quanto mais próxima a data, mais pensamos e vamos nos organizando. Projetamos ações, criamos expectativas. Quando a viagem inicia, começam os imprevistos e, assim, temos que improvisar várias soluções pelo caminho. Portanto o conhecimento exige, além dos preparativos de uma viagem, a aceitação do inusitado ou, ainda, do vir-a-ser, daquilo que não pensamos e que foge do nosso controle (NUNES & REGO, 2011). Serres (1993, p.40) comenta que “[...] o aprendizado abre no corpo um lugar de mestiçagens, para ser preenchido por outras pessoas”.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação do sensível possibilita um novo pensar sobre a aprendizagem e a educação. Enfatiza que cada sujeito está apto a perceber a diferença, o outro e com o outro. O aprender na diversidade encontra sua raiz na corporeidade. Dessa forma, um conhecimento incorporado, que requer um novo paradigma ético-estético que envolva a corporeidade e as subjetividades no cerne do processo educativo. Um conhecimento que instaure espaços de sensibilização e resignificação do mundo, constituindo feixes de possibilidades, eixos de coexistências.

A importância da educação dos sentidos fica clara quando voltamos nossa atenção para as possibilidades de perceber a realidade como construção social, em que se intensifica o significado das inúmeras formas de manifestação do tocar, do olhar, do cheirar, do degustar, da conversa e do outro, ou seja, do sentir. Estar atento a esses sinais pode trazer mais sentido à existência de cada um, abrir-nos aos saberes do corpo e a uma vivência expressiva e transformadora, que acreditamos ser fundamental em nosso atual processo educacional. Portanto o investimento numa educação do sensível, além de contribuir para o desenvolvimento de pessoas mais plenas e inteiras nas suas relações com o mundo, também contribui para a criação dos princípios humanos sobre os quais poderemos elaborar novos parâmetros do conhecimento para o saber mais fundamental, ou seja, o saber viver.

### 4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, R. **Concerto para corpo e alma**. São Paulo, Papyrus, 1998.

2. DESCARTES, R., **Discurso do Método**. Tradução. MARIA ERMANTINA GALVÃO. Revisão da tradução. MONICA STAHEL. Martins Fontes. São Paulo 200/ ..
3. DUARTE JUNIOR, J. F. **O Sentido dos Sentidos: a educação do sensível**. Curitiba: Edições Criar, 2001.
4. MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
5. NUNES, C. X.; REGO, N.; **As geografias do corpo e a educação (do) sensível no ensino de geografia**. In: Revista Brasileira de Educação em Geografia, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 86-107, jan./jun., 2011.
6. SANTIN, S.; **Educação física: Temas pedagógicos**. Porto Alegre, EST/ESEF, 1992.
7. \_\_\_\_\_. **Educação Física: da alegria do lúdico a opressão do rendimento**. Porto Alegre: Edições EST/ESEF – UFRGS, 1994.
8. \_\_\_\_\_. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí: UNIJUÍ, 1987.
9. SERRES, M.; **Filosofia Mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
10. WEBER, M.; **Interpretação racional e causalidade histórica**. Tradução Artur Morão. Covilhã: Lusosofia, 2010.